



**PUC Minas**

CENÁRIOS PUC MINAS



# Desdobramentos da crise financeira global

**Resenha  
Economia & Comércio**

**Daniel Peluso Rodrigues da Silva  
27 de Abril de 2009**

---

# Desdobramentos da crise financeira global

---

Resenha  
Economia & Comércio

*Daniel Peluso Rodrigues da Silva*  
27 de Abril de 2009

---

**Desemprego e queda da produção são alguns efeitos já sentidos pela atual crise financeira mundial. Porém os desdobramentos podem ainda se estender ao nível político e no âmbito de maior regulação do Estado nas atividades do mercado.**

---

Crisis podem trazer dificuldades a variados atores, sejam empresas, governos, cidadãos, sejam instituições. Mas é importante notar que um período turbulento, como o atual momento de crise no setor financeiro mundial, pode favorecer, em diferentes aspectos, alguns grupos, como é observado no caso dos países emergentes ou em desenvolvimento e as instituições financeiras.

A primeira vez em que se ouviu falar do G-20<sup>1</sup> foi em 2003, nas discussões da Rodada Doha [Ver também: [Histórico da OMC: construção e evolução do sistema multilateral de comércio.](#)] Este grupo de países emergentes uniu-se com a finalidade de alcançar maior e melhor poder de barganha frente aos países desenvolvidos - chamados de G-8<sup>2</sup>. Porém, os impactos causados por essa união de países emergentes frente às maiores economias do mundo foram superficiais, como pode ser constatado nos entraves da Rodada Doha, que ainda não foi concluída, principalmente na questão agrícola.

Na atual configuração de crise financeira mundial, ouviu-se novamente a nomenclatura G-20, mas em diferentes

perspectivas. A cúpula deste “novo” G-20<sup>3</sup> surge na tentativa de reunir as maiores economias mundiais, que representam 90% do PIB (Produto Interno Bruto) global e dois terços da população do planeta para a discussão de possíveis medidas a serem tomadas para resgatar a economia mundial dos efeitos já sentidos pela crise do setor financeiro.

A crise financeira, que teve sua origem no sistema hipotecário estadunidense, alastrou-se por várias outras economias do globo, trazendo consigo efeitos como: desconfiança no mercado, diminuição da produção, queda nas importações e exportações, dificuldades de liquidez do sistema financeiro (bancos, seguradoras e fundos de investimento) e um alto número de demissões em variados setores da economia. [Ver também: [A crise imobiliária estadunidense e seus reflexos](#)]

A crise que começou no centro (economia estadunidense) pede apoio da periferia (países em desenvolvimento) para se reerguer e tornar a economia mundial novamente viável. Diante dessa nova dinâmica, é possível perceber que este

---

<sup>1</sup> Ver glossário: Grupo dos 20 - G20.

<sup>2</sup> Ver glossário: Grupo dos oito - G8.

<sup>3</sup> O grupo reúne o G8 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Canadá, Itália e Rússia), a União Européia e mais 11 nações emergentes (Brasil, Argentina, México, China, Índia, Austrália, Indonésia, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul e Turquia).

momento de crise financeira global acarretou um novo cenário, no que diz respeito ao processo de tomada de decisão na perspectiva da economia mundial. Antes, tal processo era restrito ao seletor G-8. Porém, no âmbito desta conferência, alguns dos principais países emergentes encontram-se no centro das discussões, desenhando assim um dos efeitos políticos da crise. Em outras palavras: países periféricos estão no centro do processo decisório para a definição das novas medidas econômicas a serem implementadas. Na reunião de cúpula do G-20 foi assumido, também, um compromisso dos países desenvolvidos em retomar as negociações da Rodada Doha, que para alguns já estava fracassada.

Os efeitos da crise não foram somente no âmbito político, mas também alcançaram a esfera das relações entre mercado e o Estado. Ou seja, foi discutida a possibilidade de implementar políticas de maior controle do Estado nas atividades do mercado. Na cúpula das maiores economias do mundo em abril deste ano, houve um consenso que medidas emergenciais deveriam ser tomadas para o início da recuperação econômica.

A primeira delas refere-se à regulação econômica. Houve um alinhamento nos discursos dos chanceleres neste tópico, que apontam para esforços destes governos em obterem maior controle da economia de seus Estados e promover, ainda, a transparência do sistema financeiro. Este é o argumento formulado por John Maynard Keynes, o ilustre economista britânico, que defendia em sua teoria a ação do Estado nas lacunas deixadas pelo mercado. O Estado, como sugeria Keynes, deve intervir na economia à medida que o mercado se omite ou não é capaz de gerir determinadas situações.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Para o governo, o mais importante não é fazer coisas que os indivíduos já estão fazendo, e fazê-las um pouco melhor ou um pouco pior, mas fazer aquelas coisas

Segundo alguns especialistas mais pessimistas, o descontrole do mercado frente ao grande volume de capitais que buscava cada vez mais rentabilidade a qualquer preço e risco - ou seja, hipotecas e concessões de crédito sem lastro<sup>5</sup> e garantias - colocou todo o sistema financeiro mundial à beira de um colapso.

Existe ainda outro aspecto relacionado à regulamentação dos mercados, na interface do controle de paraísos fiscais, que está diretamente ligado à lavagem de dinheiro. Neste aspecto, ficou decidido que a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>6</sup> será a responsável por estabelecer as regulamentações.

Outro efeito da crise parece deslocar-se na direção das instituições financeiras: Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>7</sup> e o Banco Mundial<sup>8</sup>. Foi decidido que estes órgãos ficarão responsáveis por monitorar e administrar as políticas acordadas pela cúpula, conferindo a elas o primeiro passo em direção ao retorno do centro do sistema financeiro mundial, a ponto do diretor-geral do FMI, Dominique Strauss Kahn, afirmar que esta organização “está realmente de volta”.

Em suma, não se sabe se estas medidas adotadas pelas maiores economias do mundo serão suficientes para a recuperação econômica. No entanto, pode-se considerar que a crise já começa a

---

que atualmente deixam de ser feitas. (KEYNES, John Maynard. *The end of laissez-faire*. Amherst, New York: Prometheus Books, 2004.)

<sup>5</sup> Depósito em ouro que serve de garantia ao papel-moeda. Nas operações no nosso mercado financeiro, lastros são os títulos dados em garantia de uma operação financeira. Garantia de que as cédulas e moedas que circulam na praça têm de fato valor.

<sup>6</sup> Ver glossário: OCDE.

<sup>7</sup> Ver glossário: FMI.

<sup>8</sup> Ver glossário: Banco Mundial.

desenhar mudanças na gerência da economia mundial. As decisões mais significativas para a economia global, em geral, resultavam das negociações dos países desenvolvidos. Porém, neste momento de crise, os países em desenvolvimento juntamente com os países desenvolvidos, apresentam-se como atores fundamentais nas decisões mais relevantes no que concerne às estratégias a serem tomadas para a recuperação econômica. Já no âmbito da intervenção do Estado na economia, foram acordadas novas medidas de controle do Estado no mercado financeiro, com o objetivo de monitorar e reparar as falhas do mercado.

**Palavras-chave:**

Crise financeira, G-20, G-8, desenvolvidos, em desenvolvimento, países periféricos.

## Referência

**Sites:**

BBC News

<http://www.bbc.co.uk/>

Folha Online

<http://www.folha.uol.com.br>

The Economist

<http://www.economist.com>

**Ver Também:**

25-09-2007: [A crise imobiliária estadunidense e seus reflexos](#)

09-04-2008: [Economia estadunidense sobre risco de recessão](#)

08-09-2005: [Histórico da OMC: construção e evolução do sistema multilateral de comércio](#)